2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 5. QUINTA FEIRA, 12 DE AGOSTO DE 1852. 12.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O BANCO DE PORTUGAL EM RELAÇÃO Á SITUAÇÃO FINANCEIRA.

Le crédit, sous sa double forme de crédit public et de crédit privé, merite d'être classé sur le même rang que la vapeur et l'imprimerie, au nombre de ces forces qui sont destinées, appelées á changer la face du monde, et qui sont en voie d'opérer sur la terre la transformation de toutes classes au profit de la liberté comme de l'ordre.

M. CHEVALIER.

IV

A situação do Banco de Inglaterra durante a crise europea de 1848 é uma prova de que os Bancos de circulação, dependentes sempre da confiança publica, são muito mais prejudicados pelas crises politicas, do que pelas crises unicamente commerciaes.

A era em que vivemos tem a cumprir uma missão distincta em relação aos destinos da humanidade — é uma era de paz e de desenvolvimento da riqueza geral por meio da sciencia e do trabalho.

Todas as novas instituições, ou as reformas nas antigas, revelam as predestinação das circumstancias para que foram originadas.

Como as crises dos Bancos, podem provir de causas tambem estranhas á ordem publica, é conveniente observar que estas sempre têem sido de curta duração. Destas crises, que nos lembre, passou já o Banco de França por seis, nos seguintes annos 1811, 1819 — 1825, 1837 e 1846.

Ácerca desta ultima é para notar que os dividendos tinham sido em

1844 — nove por cento.
1845 — doze por cento.
1846 — quatorze por cento.

Foi no fim de 1846 e principio de 1847 que a crise se manifestou, tendo o Banco elevado as suas operações pela primeira vez á massa de 1.776 milhões de francos.

É attribuida por alguns dos mais distinctos economistas — a diminuição consideravel dos metaes nos seus cofres, e em geral na praça de Paris, ás sommas sacadas de França, para saldar com as praças estrangeiras o deficit entre as suas exportações e importações, proveniente da avultada compra de cereaes para suprir o desfalque extraordinario que houve nas suas colheitas.

Muitas quebras commerciaes se seguiram á situação critica do Banco, que foi obrigado a elevar a taxa do desconto de 4 a 5 por cento.

Felizmente uma importantissima compra de fundos publicos que lhe fez o imperador da Russia — e que nesse tempo foi tam fallada, concorreu poderosamente para fazer saír o Banco da crise, chamando aos seus cofres os metaes que faltavam para a circulação regular dos valores.

Em 1847 tambem uma destas crises commerciaes fez com que o Banco de Inglaterra fosse dispensado da execução de algumas das regras da sua lei organica de 1844, pela notavel auctorisação de 25 de outubro de 1847.

Ao rebentar a revolução de fevereiro em França a reserva metalica do Banco de Inglaterra era de 14.760:813 libras — as notas disponiveis 9.922:185 libras — e as que estavam na circulação activa 18.170:185 libras.

Em consequencia do effeito da revolução a reserva metalica desceu a 13 milhões. A circulação das suas notas desceu 500 a 600 mil li-

bras — mas como os effeitos que produziam estas causas eram indirectos, foi facil providenciar para as destruir, — visto que a ordem se manteve em todo o imperio britanico; e no fim de 1849 a sua reserva metalica era 17 milhões, e a circulação activa das notas 18 milhões.

Quando a causa directa actua sobre as bases da confiança publica os effeitos são o mesmo, seja qual for a nação.

Foi o que aconteceu ao findar o seculo passado, e no principio do presente em relação ao Banco de Inglaterra.

As vistas dominadoras do conquistador da Europa, constantemente dirigidas para a Inglaterra — a empenharam em uma guerra, em que até vinha combater fóra do seu territorio pela propria independencia. Aos receios que esta situação desenvolvia no animo da nação ingleza, accrescia tambem a circumstancia que as suas exportações por alguns annos não bastavam para lhe compensar a forte saída de metaes, que fóra de Inglaterra se íam improductivamente despender com a guerra.

Ao diante acharemos dois pontos de similhança entre as duas mais poderosas circumstancias que influiram na crise do Banco de Inglaterra, e as que promoveram tambem a do Banco de Lisboa — sendo uma dellas egualmente commum á crise do Banco de França em 1847. A suspensão do pagamento das notas do Banco de Inglaterra durou desde 27 de fevereiro de 1747 até ao 1.º de maio de 1823.

Um esboço da historia dos differentes factos, que por tão largo praso se deram em relação a esta suspensão de pagamentos, comprova que o lucro da circulação das notas do Banco de Inglaterra, assim convertidas tambem em papel moeda, era concedido ao Banco como compensação dos desembolsos por elle feitos, e para proveito do proprio estado, que lhe pedia supprimentos desse papel, a fim de occorrer ás suas mais imperiosas necessidades.

E pelo espaço de mais de 20 annos que durou tal compensação, sempre o Governo pagou os juros ao Banco pelo que lhe devia, e ninguem se lembrou de avançar a opinião de que o Banco os devia pela fruição das suas notas, sem obrigação de as pagar, e até com curso forçado, como vamos vêr.

A suspensão foi ordenada por uma ordem do ministerio, em 27 de fevereiro de 1797, na qual se davam como fundamentos de tão importante resolução o receio de não haver moeda em especie para satisfazer as exigencias do serviço publico, pois que se tinha procedido a averiguações, que deram em resultado, o descobrir-se que havia no mercado uma extraordinaria procura de moeda em especies. Na mesma ordem se ordenava que tal suspensão de pagamento se manteria até que o Parlamento adoptasse *medidas proprias para manter os meios de circulação, e sustentar o credito commercial do reino em tão importante conjunctura.*

Em quanto um acto similhante na base principal ao decreto de 19 de novembro de 1846 não conteve esta medida, o que houve de mais importante em relação ao Banco de Inglaterra, foi a camara dos communs nomear uma commissão para examinar o estado do Banco. Esta providencia corresponde na crise de 1846 do Banco de Lisboa á nomeação dos commissarios regios.

Do relatorio desta commissão, resultou que o total da responsabilidade do Banco para com o publico, era em 25 de fevereiro de 1797 13:770:390 £, e que os valores para satisfazer estes encargos eram 17.597:280 £, não incluindo a divida permanente do Governo para com o Banco, que importava em 11.686:800 £, com vencimento do juro de 3 por cento.

É evidente, que se uma tão favoravel relação entre o activo e o passivo de um Banco reclamava a suspensão dos seus pagamentos, em consequencia da falta de confiança publica inspirada pela guerra, e do saque de metaes que as despezas de tal guerra levava para fóra do paiz, para saldar rapidamente a dinheiro o balanço das suas importações e exportações, muito mais era reclamada em Portugal na crise de 1846: tanto pela relação do activo e passivo dos estabelecimentos a que se referia, como pelo estreita area da circulação dos valores por meio da moeda.

Seguindo os factos, encontraremos ácerca das duas situações, mais pontos de similhança.

Em 5 de março do mesmo anno de 1797, foi o Banco de Inglaterra auctorisado para emittir notas de 5 libras, ou menos, e foi em virtude desta auctorisação que em 10 desse mez se emittiram, pela primeira vez em Inglaterra, notas de 5 libras.

As notas de 2$400 rs., e de 1$200 rs., do Banco de Lisboa, accudiram ás necessidades da circulação, eguaes ás que exigiram a providencia que acabamos de referir.

Finalmente, em 3 de maio se approvou na camara ingleza a medida que a ordem do con-

selho tinha annunciado, e a qual se denominou: Lei de moratoria concedida ao Banco (*the Bank Restriction act*). Contém esta lei um facto principal—a moratoria, e outros accessorios. O principal existe em duas provisões, uma que põe o Banco a salvo de qualquer procedimento judicial, por haver cumprido a ordem do conselho, que lhe fez suspender o pagamento das suas notas, e outra dispondo que não lhes era permittido fazer pagamento de dinheiro de contado acima de 20 shellings.

Tambem esta lei fixou uma moeda de Banco para o pagamento dos depositos, determinando que só poderiam ser retirados até $\frac{3}{4}$ partes em dinheiro de contado.

Apesar de que a lei na sua promulgação se annunciava, como vigorando 52 dias, consideramol-a como a medida promettida, porque na permanencia da moratoria que estabelecia junto ao curso forçado, e o augmento do capital, que ao diante mencionaremos, consistiu a resolução da crise commercial que lhe deu origem. E assim o provaremos com o apontamento da respectiva legislação.

A lei de 22 de junho continuou os effeitos da lei anterior, até um mez depois de aberto novamente o parlamento.

Em 30 de novembro a lei foi prorogada até passarem seis mezes, depois de finda a guerra.

Foi durante este periodo que alguma coisa houve similhante ás senhas do Banco de Lisboa, pelas quaes o portador trocava no Banco, a metal, o numero de notas de 4$800 rs., que a senha mencionava; e foi o annuncio de 3 de janeiro de 1799, no qual o Banco de Inglaterra fez saber, que a contar do dia 1.º de fevereiro pagaria a dinheiro todas as notas de 1 e 2 £, com data anterior ao 1.º de julho de 1798. E como em taes circumstancias é impossivel abandonar as acções de um Banco á depreciação espantosa a que as levaria a falta de algum dividendo, que pelo menos auxilie a satisfação das mais urgentes necessidades de seus possuidores; tambem observaremos, que durante o curso forçado houve dividendo no Banco de Inglaterra, tendo sido o de 1797 de 5 por cento — o de 1799 de 10 por cento — 5 por cento em 1801 — e 2½ em 1803 — em 1804 foi de 5 por cento, mas em dinheiro effectivo — o mesmo em 1805 e 1808, sendo de 7 por cento em cada um dos annos, desde 1807 até 1823.

Quando começou o curso forçado para o Banco de Inglaterra, faltavam-lhe poucos annos para findar o seu privilegio, e ao Banco de Portugal faltavam-lhe 8. Para ambos por differente modo se prorogou esse privilegio, mas tambem em ambos com proveito immediato do governo, consignado em um emprestimo. Em 1800 o privilegio do Banco de Inglaterra foi prorogado por 21 annos, tendo este emprestado nessa occasião 3 milhões de libras sem juro, por 6 annos.

E em 1846 se prolongou o privilegio do Banco de Lisboa, por meio da organisação do Banco de Portugal, emprestando 300 contos de réis ao governo, para lhe serem pagos com acções sobre o novo fundo de amortisação, e mais 300 contos, tambem com demorado embolso ao contracto do tabaco. A guerra terminou, e uma nova lei continuou a moratoria do Banco de Inglaterra até 1 de março de 1803.

Em 28 de fevereiro se determinou a continuação da moratoria até 6 mezes, depois de aberto o parlamento; mas renovada a guerra em 15 de dezembro foi a moratoria prolongada até 6 mezes, depois de concluido um tratado de paz definitivo.

A commissão nomeada pela camara dos communs em 1810, para examinar as causas do alto preço do oiro em barra, e seu effeito sobre o meio circulante, termina o seu extenso relatorio, lembrando que só findos 2 annos poderá acabar a moratoria, devendo-se providenciar para que findo esse praso ella não continue.

Provindo esta alta do preço do oiro em barra da sua comparação com o valor das notas, este quesito, proposto ao exame da commissão, não deixa de se assimilhar ao contido na portaria de 26 de fevereiro de 1849, na qual a pedido da commissão de inquerito, nomeada pela camara dos srs. deputados, em virtude de proposta de um de seus membros, director do Banco, se pediu o parecer da Associação Mercantil de Lisboa, e Associação Commercial do Porto, sobre a influencia do Banco de Portugal, em relação á circulação, tanto pelas operações do mesmo Banco, como pelo curso das notas do Banco de Lisboa.

É para notar que tendo em 1810 chegado o desconto a 16 $\frac{3}{4}$ por cento o parlamento inglez acreditava tanto nos esforços feitos para sustentar o credito das notas, que duvidava se era o seu valor ou o do ouro que subira. A duvida assentava em um fundamento louvavel. Eram tantas as provas de patriotismo dadas pelos inglezes

em relação ao valor das notas do seu Banco que as não pagava pelo muito que a nação lhe devia, e era tal a disposição publica em favor da conveniencia geral de lhe conservar o valor, que ninguem que possuia guineus ousava recusar-se a trocal-os ao par por notas do Banco. Era por tanto em relação á barra de ouro, que o agio das notas se estabelecia porque o vendedor lhe marcava um preço em notas excedente do real. Este excesso ou agio era em 1810 de $\frac{1}{10}$: e 6 depois de 27 $\frac{3}{5}$.

Ao mesmo passo existia o fenomeno do guineo amoedado ter tambem no mercado um agio forte em relação ao ouro em barra. Nesta época a circulação das notas era tripla da que havia ao estabelecer-se a suspensão do pagamento das notas.

Foi em 1811 que em todo o vigor a lei de 22 de julho promulgou o curso forçado.

É singular a origem desta lei, e ella figura nos importantes debates que a precederam no parlamento britannico. Lord King, grande proprietario territorial, vendo o prejuiso que tinha em receber dos seus rendeiros as notas pelo seu valor nominal, mandou-os intimar que não recebia mais rendas senão em guineos ou em notas pelo seu valor corrente.

A proposta do ministerio á camara teve por origem o clamor levantado por esta intimação, e Lord Chanceller lhe formulava a causa dizendo, ao apresental-a na camara dos communs, que esta lei era uma consequencia necessaria da suspensão ordenada por M. Pitt e que estando o Banco auctorisado para não pagar as suas notas se estabeleceriam dois valores para ellas; um nominal, outro corrente, se a lei não viesse em seu auxilio. Esta lei de curso forçado foi renovada em 1812 e em 1814, por tanto tempo quanto fosse a duração da moratoria.

Apesar da paz de 1815 a moratoria continuou em virtude de uma lei até 5 de julho de 1816, e neste anno prolongada até julho de 1818.

Comprehendendo-se na moratoria e curso forçado, o ponto capital que assimilha a medida que se contém na serie de actos que se referem á crise ingleza, com a providencia contida no decreto de 19 de novembro, para não faltar tambem em Inglaterra o augmento do capital do Banco, como depois houve em Portugal; tambem no anno de 1818 este foi augmentado com 14.553:000 £, isto é, com 25 por cento, dos quaes 3 milhões foram emprestados ao Governo a 3 por cento.

A amortisação por meio de pagamento começou esse anno, em que o Banco annunciou o pagamento em dinheiro de contado de todas as suas notas, de uma e de duas libras, com data anterior ao 1.° de janeiro de 1816; e em seguida que pagaria as notas emittidas com data anterior ao 1.° de janeiro de 1817. Pela pratica de que a nota que entra no Banco de Inglaterra sahe substituida por outra, se vê que a somma de taes notas estava pela maxima parte substituida por outras de data posterior.

Em 1819 e 1820 o pagamento se fez em barras, na conformidade de uma lei de 1818, proposta por sir Roberto Peel, que fixou o dia primeiro de maio de 1823 como o primeiro em que o Banco era obrigado a trocar as suas notas em moeda cunhada de oiro de lei.

O Banco obteve em 1821, que uma lei lhe permittisse o começar no primeiro de maio desse anno o pagar em moeda de oiro as suas notas de 1 £; pela primeira vez entraram na circulação os soberanos do valor de 20 schellings, substituindo o antigo guineo,

A sequencia dos corollarios, que de todos estes successos se tiradam em relação ás causas e effeitos do curso forçado das notas do Banco de Lisboa, serão seguidos no proximo artigo, em que exporemos com maior desenvolvimento o nosso reparo sobre o transtorno que promove em um paiz o saldar antecipadamente com moeda metalica o balanço das suas importações e exportações, quando esta moeda sae da que a circulação do paiz exige para que as notas do Banco representem valores. Esta explicação é precisa para se não cuidar infundadamente, que pertendemos resuscitar o absurdo morto de que só no oiro está a riqueza.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

BIBLIOGRAPHIA.

Ensaio sobre a historia da cosmographia e da cartographia durante a idade media, etc., pelo exm.° sr.

VISCONDE DE SANTAREM,

Membro do Instituto de França, das academias das sciencias de Lisboa, de Berlin, das sociedades geographicas de Berlin, Francfort, Londres, Paris, e S. Petersburgo etc.

Do jornal de Paris *la Patrie*, n.° de 25 d'abril do corrente anno, tomamos a seguinte noticia do novo livro com que o nosso sabio compatriota au-

gmentou recentemente o catalogo de seus importantes escriptos. É o auctor da noticia M. Pierre Dubois.

« Antes dos grandes descobrimentos maritimos dos portuguezes e hespanhoes no seculo XV, que deram certeza da sphericidade do globo que habitamos, não era possivel traçar cartas geographicas, mappas-mundi approximativamente exactos. Além de que, a necessidade em que se viram os auctores de fazer concordar o texto sagrado com as narrações dos viajantes e as observações dos philosophos, mathematicos, e astronomos, devia comprimir o pensamento e pear o livre arbitrio dos geographos christãos da idade media.

Na epocha de Moysés e até muito tempo depois da morte deste legislador dos hebreus, considerava-se a forma da terra como um disco chato onde Jerusalem occupava o ponto central e o paraiso terrestre a extremidade oriental; este disco era rodeado pelo grande mar oceanico, que tinha por limite e por barreira o vasto horisonte da esphera celeste.

Nas cartas primitivas a terra está dividida em tres partes; a Asia, a Lybia, e a Europa. Nessas cartas figuram o Mediterraneo, o Mar-Caspio, os golphos Arabico e Persico, bem como o curso de muitos rios, taes como o Nilo, o Euphrates e o Ganges, mas estão traçados de um modo inteiramente caprichoso, sem exactidão, e assim os continentes, as ilhas, as peninsulas, os promontorios, as montanhas, as cidades. Nesses monumentos graphicos acha-se apenas uma infima parte da Asia, da Africa e da Europa; porque os povos, até o tempo em que floreceu a eschola de Alexandria, só viajavam dentro de limites acanhados, e além disso estavam privados dos conhecimentos mathematicos necessarios para que podessem tirar proveito de suas viagens e observações.

Homero, em suas descripções geographicas seguiu o texto da Biblia, accrescentando-lhe as fabulas poeticas que a sua imaginação produzia ou andavam dispersas entre os povos da sua epocha. Os sabios da eschola de Alexandria de certo que derramaram alguma luz nas sciencias geographica e astronomica, mas a cartographia não melhorou, e continuaram a encerrar-se no circulo circumscripto dos geographos primitivos.

Os mesmos desvarios foram seguidos por todos os philosophos gregos e latinos até o tempo da decadencia romana. Os mythos sagrados e mythologicos tiveram successivamente novos apostolos. Figurava sempre o disco terrestre rodeado pelo Atlantico insuperavel, as mesmas zonas habitadas e inhabitaveis, e o paraiso, morada do primeiro homem, assentado sobre uma eminencia conica, inaccessivel, além do mar oriental.

No entanto alguns philosophos da antiguidade tiveram avulsamente idéias acertadas a respeito da configuração da terra, e os sabios, pelos seus escriptos, propagaram essas idéias em toda a parte do mundo. Pythagoras suppunha a terra spherica, e os seus discipulos fizeram predominar a idéia de segundo hemispherio habitado, cujo clima era — « igual ao nosso sob parallelos heteronymos e em estações oppostas. » Aristoteles adoptava esta opinião, com a differença que não julgava de vastas dimensões a sphera.

Mais tarde, Seneca o tragico, em versos que deram que entender por muito tempo aos commentadores e philosophos, formulou o pensamento de que não só a terra era redonda, mas havia de vir tempo em que um navegante ousado devassando o oceano descobrisse segundo hemispherio habitado por homens da nossa especie. Porém, de todos os geographos da antiguidade é Strabão o que se adiantou mais neste ponto; e talvez persuadiu Christovão Colombo da existencia de um vasto continente além do Atlantico, naquella passagem, em que diz que poderia haver na mesma zona temperada duas terras ou talvez muitas principalmente proximo ao circulo descripto por Thinas e o Mar Atlantico.

A idade média, que comprehende o decurso de quasi dez seculos, desde Theodorico até Luiz XII, produziu grande numero de philosophos que escreveram sobre geographia e cosmographia. Os mais illustres foram por ordem chronologica, Lactancio, Cosmas, Gregorio de Tours, Marciano Capella, Santo Avito, Cassiodoro, Isidoro hispalense ou de Sevilha, o veneravel Béda, Alfredo o grande, Herman, o monge Richer, Honorato d'Autun, Othão de Frisia, Sacro-Bosco, Alberto Magno, Rogerio Bacon, o Dante, Joinville, e Alão de Lille; mas, todos estes sabios, como os da antiguidade e os padres da igreja, se limitaram ás ideas biblicas e homericas, e por consequencia não fizeram dar um passo á sciencia da geographia e cartographia.

Todavia, no decurso desta longa epocha, acreditava-se na rotundidade da terra e nos antipodas; mas, regeitava-se absolutamente a possibilidade de navegar o Atlantico além das columnas de Hercules. O veneravel Beda faz esta curiosa descripção do mappa-mundi: — « A terra (diz elle) é um elemento collocado no meio do mundo; está no meio deste como a gema no ovo; á roda acha-se a agua, como a clara á roda da gema; em torno da agua está o ar como ao redor da clara do ovo a membrana que a contém; e tudo isto é cercado pelo fogo do mesmo modo que no ovo a casca. A terra acha-se assim posta no centro do mundo, recebendo sobre si todos os pezos; e postoque por sua natureza seja fria e sêca, adquire accidentalmente nas suas diversas partes differentes qualidades; porque, a porção que fica exposta á acção torrida ou ardente do ar, é queimada pelo sol e inhabitavel; mas, a porção collocada na zona temperada do ar tambem é temperada e habitavel. »

O Dante e Rogerio Bacon, escriptores do seculo XIII, não procuraram que prevalecessem as novas idéas, respectivas á geographia, e apesar de todo o seu saber e elevada rasão, adoptaram e corroboraram as fabulas que haviam bebido na lição dos hebreus e dos philosophos da Grecia e Roma.

Comtudo, na epocha desses dois homens celebres, o espirito humano havia feito notaveis progressos na Europa; os mouros de Hespanha, que desde o seculo X cultivavam todas as sciencias mathematicas, e que tinham dilatado muito pela India dentro, e em quasi todas as demais partes do mundo, as suas viagens commerciaes, haviam deixado preciosos documentos astronomicos e geographicos; porém, como dissemos no começo deste artigo, os sabios da Europa christã não ousaram discordar da lettra das sagradas escripturas, arrostar com a auctoridade dos padres da egreja representada em Roma pelos successores de S. Pedro. Ainda não era chegado o tempo dos martyres da sciencia; Copernico e Galileu ainda não viviam!

Deste modo a terra destinada para habitação dos homens foi inteiramente desconhecida da idade media até o seculo XV inclusivè; e só foi no principio do seculo immediato que emfim se poude traçar cartas geographicas e mapas-mundi quasi exactos. Dizemos quasi, porque effectivamente as sciencias geographica e cosmographica não fizeram verdadeiros progressos senão quando se inventaram os instrumentos proprios para medir o tempo com extrema precisão. E' uma verdade incontestavel, e com rasão dizia o sabio Pedro Le Roi, no seculo passado: — « O descobrimento dos sattelites de Jupiter, os relogios astronomicos, e os de longitudes deram mais perfeição ás nossas cartas geographicas e maritimas do que tinham feito quatro mil annos de navegação e de viagens etc. »

De facto, com o auxilio dos relogios do mar ou dos reguladores de segundos, é que se póde determinar exactamente as distancias, calcular a velocidade de um navio, a declinação oriental e occidental, norte ou sul de um plano, o curso de um rio, o prolongamento de uma costa, a situação de um promontorio etc.

Assim, por exemplo, querendo saber quanto dista o meridiano da Martinica do de Paris, ou quantos graus se hão de caminhar para o occidente para chegar á Martinica, será facil obter esse resultado pelo methodo seguinte. Procura-se no ceu um phenomeno ou um signal que possa no mesmo instante ser visto de Paris e da Martinica, por exemplo, o momento em que começa um eclipse da lua: se é meia noite na Martinica quando o eclipse ahi começa, e se, nesse momento, se contarem 4 horas e 13 minutos da manhã em Paris, estamos certos de que ha 4 horas e 13 minutos de tempo, o que faz um arco de 63 graus e 15 minutos do meridiano de Paris ao da Martinica. Com effeito, o sol gasta 24 horas em fazer o giro do globo e uma hora em percorrer 15 graus; se os habitantes da Martinica tivessem o meiodia mais tarde de que nós, teriamos por esse facto a certeza de que estavam a 15 graus de nós para o occidente, porém, tem-no mais tarde do que nós 4 horas e 13 minutos, segundo a observação; logo estão mais para lá 63 graus e um quarto, que correspondem a 4 horas e 13 minutos, a rasão de 360 graus por 24 horas, ou de um grau por quatro minutos de tempo.

É sabido que os satellites de Jupiter fazem a sua revolução á roda deste planeta da maneira seguinte: — o primeiro, n'um dia, 18 horas, 28 minutos, 36 segundos; o segundo, em tres dias, 13 horas, 17 minutos, 54 segundos; o terceiro em 7 dias, 3 horas, 59 minutos, 36 segundos; o quarto em 16 dias, 18 horas, 5 minutos, 7 segundos, de modo que quasi se não passa noite em que se não possa observar com o oculo o eclipse de um destes satellites por Jupiter. Estas occultações são vistas ao mesmo tempo em todos os logares da terra onde o astro é visivel; e como ha tabuas que indicam os tempos da immersão e da emersão daquelles satellites para um logar determinado, comparando-se a hora de uma immersão, por exemplo, indicada pela tabua, com a hora do logar em que se faz a observação, conhece-se pelo calculo precedente o meridiano. O grau da exactidão é na rasão da precisão dos relogios astronomicos ou dos relogios maritimos em que se fazem as observações.

É, pois, com sobrada rasão que o sr. visconde de Santarem, auctor do livro que temos presente, diz que os geographos da antiguidade, como os da idade média, não tinham as noções sufficientes relativas á sciencia geographica e nenhum delles traçou cartas em que os differentes logares do globo estivessem exactamente representados.

O sabio auctor do *Ensaio sobre a cosmographia e cartographia*, tomou sobre si uma tarefa das mais arduas; porém, superou mui felizmente todas as difficuldades, e nisso fez prova não sómente da sua erudição, mas tambem de sua profunda sollicitude por uma sciencia, que, no dizer de Strabão, é das mais dignas das meditações do philosopho.

Julgar-se-ha da vastidão dos trabalhos do sr. visconde de Santarem, sabendo-se que este sabio membro do Instituto, antes de poder traçar o plano da sua obra, devia ter conhecimento dos livros de uma multidão de auctores, verdadeiramente prodigiosa, que desde Moysés até á nossa epocha escreveram sobre a geographia, a cosmographia, a cartographia. Colligiu todas as cartas que reputou necessarias para a sua historia; fêl-as gravar e cobrir com extremo cuidado, e formou dellas um atlas de inapreciavel importancia. Nesse atlas, e auxiliado pelo texto que o acompanha, poderá o leitor perceber todas as transformações geologicas que successivamente soffreram as differentes regiões do globo desde os tempos mais remotos até os nossos dias. Ver-se-ha até que epocha as cidades e localidades se conservaram nas cartas em logares que lhes não pertenciam; e tambem a epocha posterior em que essas cidades e localidades, em virtude de viagens, de observações astronomicas etc. foram collocadas exactamente nos mappas modernos.

Finalmente, e é este um ponto bem importante para a historia e a geographia, consultando o livro e o atlas do sr. visconde de Santarem, poderá marcar-se com certeza as cidades que desappareceram

da superficie do globo, cedendo o campo a cidades novas; conhecer-se-hão as vicissitudes que padeceram no correr dos seculos outras cidades grandes e florecentes n'outras eras, e que não se encontram já nos mappas modernos ou estão convertidas em aldeias sem consideração; constarão tambem as causas humanas ou physicas, que anniquilaram certas povoações maritimas, outr'ora commerciantes e ricas; e a rasão porque outras, sendo na idade media portos de mar insignificantes, progressivamente se engrandeceram e se fizeram cidades maritimas da primeira ordem.

Portanto, o sr. visconde de Santarem prestou um serviço eminente á geographia; e o seu ensaio historico durará como umas das mais excellentes obras scientificas da epocha. Não se reproduzirão as cartas do seu atlas, sendo mui subido o preço da gravura; mas de certo as primorosas paginas que escreveu serão reproduzidas frequentemente. Os futuros geographos tomarão deste livro mui interessantes documentos. Os commentadores procurarão talvez invalidar algumas asserções do auctor: serão, porém, baldados seus estereis esforços. O sr. visconde com a sua elevada e severa imparcialidade, aclarando o chaos que reinava na cartographia da idade media só buscou a verdade, e disse-a com independencia. Além disso, pelas citações dos geographos, dos philosophos, dos historiadores, dos poetas que escreveram sobre geographia, reproduzindo o texto, é que demonstrou os erros delles e provou sua ignorancia.

O sr. visconde ainda não publicou se não os dois primeiros volumes da sua obra, que deve constar de quatro. Acudiremos a dar conta dos dois que faltam, logo que estejam publicados, porque desde já estamos certos de achar nelles factos interessantissimos relativamente á historia e á sciencia geographica.

Ainda duas palavras. A importante collecção que annunciámos é mui consideravel e dispendiosa para que podesse emprehender a publicação um individuo particular, quaesquer que fossem sua posição social e bens da fortuna: o sr. visconde de Santarem o declara na introducção do seu livro; e foi com o poderoso apoio do governo portuguez, especialmente de s. ex.ª J. J. Gomes de Castro, ministro dos negocios estrangeiros na sua patria, que o auctor poude emprehender a erecção de um monumento geographico digno da nossa epocha, proseguindo-se hoje na publicação activamente. São, pois, devidos elogios, não sómente ao sr. visconde de Santarem, como tambem ao governo de S. M. a Rainha de Portugal, que pelo interesse puramente scientifico, tomou a seu cargo grandes sacrificios pecuniarios para que a Europa douta e o mundo inteiro possam tirar proveito da publicação da *Historia da Cosmographia e Cartographia na idade media.*

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXI.

TODOS FALLAM, E POUCOS ENTENDEM!

Faltavam vinte minutos para a uma da tarde, hora improrogavel, marcada por Lourenço Telles aos comensaes, que tinha convidado. O erudito saía do seu quarto, viçoso como a primavera, menos na frescura do rosto, cujas rugas contumazes pareciam o eterno cartaz dos annos. A preciosa renda dos punhos e da tira nada tinha a invejar na alva finura ás riquissimas valenciennes das duquezas do grande seculo. Os bordados e recamos da vestia de setim azul celeste podiam saír do bastidor, em que se lavraram os ramos de flores, com que se enfeitou em galla real o peito de Luiz XIV, quando no orgulho de mancebo e de monarcha escolhia o sol para divisa do seu esplendor. O feitio francez, a elegancia do córte e da costura, a profusão das joias, e a magnificencia do estofo, faziam de Lourenço Telles o réo de lesa-pragmatica mais publico e impenitente, não havendo um só artigo das severas leis economicas de Pedro II, que o seu trajo deixasse de infringir.

Encontrando-o, Vatteau dar-lhe-ía a immortalidade do seu pincel espirituoso. As damas mais caprichosas teriam de confessar com dôr a primazia das essencias e aromas usadas por elle nas roupas, ou no penteado. Frisada em canudos symetricos, a cabelleira, com as bolsas apanhadas em noz de fita côr de rosa, chamados laços de amor, caía com arteficiosa graça, lambendo a testa, e acompanhando as faces. Os sinetes de rubis dos dois relogios, os botões de brilhantes dos punhos, e a espiguilha admiravel da gravata, fariam empallidecer de inveja qualquer dos fidalgos, moços e presumidos da roda do principe real. Finalmente o espadim de copos cravejados e bainha de veludo bordado, apresentava uma folha de Toledo, que o capitão Jeronymo quereria vêr montada com menos riqueza, e mais segurança, achando-a capaz de defender o coração de um soldado.

Apenas chegou ao escriptorio, revestido das maneiras cortezes da eschola de outro tempo, o commendador deu com os olhos no abbade Silva,

de pé, em habitos maiores, entretido a folhear um livro, sem se esquecer de extasiar os olhos na occasião propicia. Regulando-se pelo exemplo do seu douto amigo, o auctor das façanhas de Viriato, não ommittira uma só das preciosidades da guarda-roupa, ou museu domestico. Vinha uma verdadeira taboleta de antiguidades. A meia de seda preta era de um lavor aberto, que mal interceptava o roxo claro da segunda meia unida á pelle. O calção, laçado por cima do joelho, e recamado nas costuras, estava tão justo que deixava receiar algum desastre. Nas fivelas dos çapatos exoticas e disformes brilhavam pedras de valor. A volta do pescoço formava um arabesco serpentino; os cinco sinetes pendentes de esdruxulas cadêas assimilhavam-se ás numerosas correntes de um lampadario. Curta e de requifes, a capa ouriçada de folhas na murça, com guarnições de vidrilhos pretos, dava-lhe a apparencia suspeita de um toureador castelhano. Sobre tudo a prodigalidade de estupendos camafeus, que semeára com ostentação, e os desusados anneis romanos, egypcios, ou hebreus, que mettêra em todos os dedos, compunham uma panoplia singular, dentro da qual esticava comprimido, mas sempre solemne, sentencioso, e engomado, o delicioso inventor do livro dos pavões!

Encontrando-se, e admirando-se quaes estavam os dois eruditos, mal poderam conter o riso contagioso, que os assaltou. O abbade achando na idade de Lourenço Telles a satyra das suas incorrigiveis elegancias; o commendador, colhendo em flagrante, sob a côr de lagosta das segundas meias, e o quasi escandalo dos calções funis, a tibia aflautada, e a côxa diminuta do venerando critico. O tio de Philippe da Gama, á parte a justa modestia, reputava-se menos secco e muito mais vistoso; e dava interiormente a si mesmo muitos parabens por conservar estas perfeições, opprobrio do ecclesiastico Aristarcho! Jasmin, seguindo a seu amo, tomou conta do tricornio de borlas verdes e torçal de ouro do commentador das barbas historicas, recebendo ao mesmo tempo das suas mãos uma bengala, cujo castão rarissimo (dizia elle) não conhecia rival em toda a Europa, sendo a authentica e vera taça egypcia, em que a formosa Cleopatra bebera as perolas desfeitas no banquete de Marco Antonio. Na realidade o feitio não desmentia a versão. O que quer que era, que o abbade chamava taça, tinha uma tampa de lavores, e abrindo-se patenteava certa cavidade, aonde o latinista incredulo observou que se poderiam accommodar até seis pastilhas contra a tosse. O peso e as dimensões deste monumento, mais o classificavam entre as clavas ou maças-d'armas, do que entre os canonicos e pacificos bastões de uma columna da egreja doutoral.

— « Então, querido abbade, exclamou o commendador com jovialidade provocadora, ateimará ainda que Horacio na sua ode quiz citar o patriarcha Japhet em logar do Titão da fabula? *Audax Japeti genus?* »

— « Meu amigo, cada vez me convenço mais. Depois que nos separámos hontem, deparou-me a fortuna um manuscripto precioso, em caracteres allemães minusculos vulgarmente chamados gothicos, e folheando descubri nelle o commentario de algumas odes do poeta valido de Mecenas... Ora justamente entendeu o glosador do mesmo modo esta passagem... »

— « Que serie de prodigios! » gritou Lourenço Telles em ar zombeteiro. « Com que o sr. abbade viu o livro? Diga-me: e o frontispicio tinha araras ou papagaios? Nunca me hão de esquecer os mofinos d'aquelles pavões de ouro, que tanto me citou, e que eu tive a simplicidade de andar procurando na torre do castello, no meio das risadas dos archivistas... » Dizendo isto o velho erudito cheirava pitadas sobre pitadas batendo com os dedos a compasso de marcha sobre a tampa da sua caixa.

— « O livro existe, sr. Lourenço Telles! » acudiu em aspecto grave e tom de oraculo o auctor da carta a Lucio Floro, cuja ira se manifestava pela côr violeta, que lhe invadia a calva.

— « Mas os pavões foram-se! » replicou o contradictor, cada vez mais contumaz.

— « Deixe-se de remoques improprios da sua idade, e indignos do respeito que deve aos outros » atalhou o abbade, crescendo com raiva sobre as immensas tibias. « Vi o manuscripto, sim senhor. Por signal é um volume de capa de pergaminho e fechos de latão... Não tem araras nem pavões, mas no rosto poderá admirar-lhe a bella cercadura illuminada, obra de bom mestre... Francisco de Hollanda, póde ser... »

— « Nada; Raphael, ou Benvenuto Cellini! » redarguiu o velho sabio com seriedade. » Com que viu o livro, poz-lhe os occulos em cima?... devéras?! Noto a teima da fortuna. Não ha dia, em que não lhe dê um alegrão... Chovem manuscriptos e araras em o sr. abbade errando o seu latim. » E o commendador esfregando as mãos recostou-se com ar de dó na immensa poltrona.

— « Escusa de tomar comigo esse tom, que

me faz dó! » exclamou o investigador das bexigas doidas, córando e erguendo-se com impeto para se tornar logo a sentar. « Conhece a placidez do meu espirito, e a vaidade dos seus chascos. Torno a repetir; vi o livro; estudei os seus caracteres gothicos; e asseguro-lhe que é do tempo dos templarios... »

— « Justamente! Escripto por Gualdim Paes, que sabia Horacio como um mestre de meninos, e illuminado por Francisco de Hollanda, que viveu tres ou quatro seculos depois!... Dou-lhe os parabens; desta vez não resuscitou os mortos; fez mais do que Jesu-Christo, meteu no bolso os seus tresentos ou quatrocentos annos por distracção. Pasmo como ainda lhe não caíram os dentes!... É preciso serem de ferro para mastigar similhantes pillulas. »

O abbade colhido em flagrante, e afflicto, agitava-se, mudava de côr, e estendia a mão com solemnidade.

— « Não apanhe um lapso pelos cabellos! » gritou todo tremulo de raiva. « O que eu queria citar era o seculo dezeseis. O livro acha-se, existe. Pertence a um amigo meu; mas não sou denunciante; por isso prefiro calar-me. »

— « Acho prudente! » redarguiu Lourenço Telles, sacudindo o tabaco da tira com um piparote. « Então, pelo que vejo, a raridade desceu da lua e volta para a lua, em eu me convencendo de que Horacio chamou hebreu a um Titão?... Pelo amor de Deus! É capaz de jurar sobre umas Horas que descubriu a ossada das egoas lusitanas, que os romanos diziam concebidas do vento... Estou-o ouvindo descrever-me a authentica da reliquia. »

— « Sr. Lourenço Telles, compadeço-me das trevas do seu espirito. O manuscripto ha quem o tenha; fiquemos nisto. Se não acredita perdoo-lhe a injuria, em attenção ás suas enfermidades. »

— « Agradeço a demencia!... Jasmin, que horas são? »

— « Uma hora menos um quarto » respondeu o escudeiro, inclinando-se com a bengala e o chapéo do abbade ainda nas mãos.

— « Guarde no meu quarto esse capacete ecclesiastico, e não se esqueça de bem arrecadar a taça egypcia da seductora Cleopatra » acudiu o latinista com um sorriso, em que brincavam mli ironias aceradas. « Deus nos livre de que monumentos de tanta estimação se desencaminhem. O museu póde requerel-os. »

— « Sr. Lourenço Telles, exclamou o glosador infeliz, com a voz presa de raiva; devo observar-lhe que se excedeu. O meu chapéo não merece a irrisoria alcunha de capacete, que tem o desaccôrdo de lhe pôr diante do seu famulo. Se o feitio lhe não agrada, paciencia! Mais val vestir-me serio, do que apparecer feito cabide das modas dessa mocidade... Quanto ao castão egypcio a unica nota que lhe póde lançar é não o possuir. Em vez de um gato ladrão e asmatico, e de um papagaio estupido e feroz é melhor colligir as preciosidades, de que a sua inveja se vinga, fazendo mofa... »

— « Mil perdões pelo sacrilegio! » gritou o erudito offendido da classificação pouco lisongeira do Louro e de Minette. Digo-lhe só que errou o seu quináu. Graças a Deus não estou no costume de comprar na feira da ladra as caçoulas amolgadas para as pregar de castão nas minhas bengalas... Espero morrer sem passeiar de maça ao hombro. Sabe o que lhe aconselho? Não se exponha a pé com a raridade. Os rapazes são travessos, e agouro-lhe um dia triste se lh'a descobrem. »

Dizendo isto Lourenço Telles deixou-se caír na sua poltrona com um frôxo de riso. Atraz das risadas veio a tosse; e foi preciso um copo de agua com assucar de calda para aplacar o accesso. O semblante do abbade tinha-se tornado, entretanto, a imagem silenciosa da indignação. Sempre de pé, mostrava o dó e o despreso nos labios engatilhados, e a ira na vista cheia de coriscos. O commendador de cada vez que olhava para elle renovava as gargalhadas, sentia ferver a tosse, e bebia um gole de capilé.

— « Meu digno amigo, isto é velhice, não faça caso!... » dizia ao mesmo tempo com uma zombaria provocadora; diga-me: já descobriu o segredo de fabricar a agoa de juventude, remolhando as raizes velhas, que andou apregoando como a verdadeira panacea universal? Deu vista aos cegos, e pernas aos coxos? Experimentou o seu albafor, a sua junça cheirosa contra as tosses e catharros? Asseguro-lhe que para fazer espirrar é conveniente; mas a cevadilha torrada faz o mesmo. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

ESBOCETOS DE TYPOGRAPHIA HUMANA.

III

O Alfarrabista.

E esse, que chamar podemos,
Viva, copiosa lista
De velhos mofentos livros:
Fanatico alfarrabista,

Que anda todo o santo dia,
Por lojas, por vãos d'escada;
Como, empoado moleiro,
Ou, tainha, antes d'assada:

Enfrascado, em pó sediço
D'esquadrão calhamaçal;
A que sofrego, se atira,
Com affecto paternal:

Folheando, abrindo, lendo;
Pela data, pela imprensa;
Já, valor aos livros dando,
Em decisiva sentença.

Preferindo o folio ao quarto,
Em capas, o pergaminho;
Margem larga, typo gothico;
E no rosto, algum santinho.

Tendo em mais subida conta,
As obras encadernadas,
Em *moscovia* incorruptivel;
E sem margens aparadas.

Exclusivo apreço dando
Ás primeiras edições;
Mesmo pobres de materia,
E cheias d'incorrecções.

Sendo principal artigo,
Em codigo *alfarrabeiro*,
Preferir antigo e raro,
O ferro-velho, ao livreiro.

Mais, que forte syllogismo,
Capitão dos argumentos;
Em louvor, d'obra citada
Responder: «E de quinhentos.»

Possuir, qual perfurante
Sonda, em poço artesiano;
Ou lampadario d'egreja,
Que alumia todo o anno.

Como, chave de segredos,
Como, perpetuo lunario;
Como, cutelo em açougue,
Como, bento relicario:

Como, exacto faroleiro
Da caduca livraria...
O catagolo dos classicos,
Pela nossa academia!

Oh! ditoso do primeiro,
Não, que tigres amansara;
Ou, que vio brilhar a lua
Nas aguas do Niagára:

Mas, que taes livros juntasse
Propriedade d'um só dono!
Por ser elle, o alfarrabista,
Dera a mitra, dera o throno.

Por ter só, de *Gil Vicente*,
Uma primeira edição;
Exemplar, folio — *solfado*...
Dava — (de certo!) um milhão.

Pois, se fosse a — *Vita Christi*,
Ou o — *Espelho de Christina*,
Ia, em trages de romeiro,
Visitar a Palestina.

Um *Versial*, já não digo;
Ou de *Vespasiano*, a vida;
Que, os brilhantes baptisados,
Em valor, não tem medida...

— Puritano alfarrabista,
Quando vê moiro na costa;
Quer dizer, se bispa á venda,
Calhamaço de que gosta;

Não resiste. — Vão-se embora,
(Diz), — os ultimos dez réis:
Preferir o pão ao livro,
Isso não: — nunca o vereis!

E, qual ginja namorado,
Que por uns olhos magânos,
Derretido, olhando, esquece,
A edade dos desenganos:

E babóca, a bolsa entrega,
Á loureira, que o lográra:
Tal aquelle, os cobres larga,
Ao vêr obra, antiga, e rara.

Da qual, exemplares sete,
De diversas edições,
Já possue: — mas compra oitavo,
Porque, — além d'outras rasões,

Diz, — que o novo bacamarte,
É d'uma edição preclara,
Que p'lo fatal terramoto,
Quasi toda se queimara.

Que, pertencera, além disso,
Como attesta *occulta* marca,
Á escolhida livraria,
D'um defunto patriarcha.

Que, tem mais um *quindimsinho*,
Com que o vulgo não atina;
Só patente, a quem profunda,
Doutas leis da *alfarrabina*!

Dessa *cara*, e trabalhosa,
Arte, que não vem de graça;
Mas, sacrificando a bolsa,
Combatendo pó e traça.

Já farejando nas tendas,
Por entre o arroz e as batatas;
Já, na estante collocando;
Colligindo nomes, datas:

Já, constante, á terça feira,
Quando dia de semana;
Roto livro analysando,
Pelo campo de Sant'Anna:

Já, de pé, á tosca banca,
De cebôso vendilhão;
Já, de coc'ras, os que se acham
Empenados pelo chão:

E já, — *ex omnibus optima*,
(Qual geometra alfaiate,
Que riscando, em fatos velhos,
Extrahe obra de quilate),

Cortando folhas diversas,
Que postas a novo geito,
Fazem de troncado livro,
Exemplar o mais perfeito...

— E pateta! — quantas vezes,
Pela capa decidindo;
Sofrego, rasgando os olhos
Sobre o livro que vê: — rindo:

Ovo occulto, imaginando;
Acha: — oh duro desengano!
Em vez d'obra d'alto preço..
Thesouro Carmelitano!

Detestavel alfarrabio,
Constante cabo d'esquadra,
Vigia de calhamaços,
Em toda a feira da Ladra;

Que, daqui dalli postado,
Como linha atiradora;
Tiroteia o Alfarrabista,
Enganando-o a cada hora:

Enganando-o, porque, envolto
Em usado pergaminho,
Um *pae-velho* representa;
Pelo menos, affonsinho.

— E, se fossem taes enganos,
Todo o calix de amargura,
Que esgotasse, lá na feira,
Calhamaçal — creatura...

Mas não; — que s'enxerga livro,
Com signaes *d'alfarrabina*
(Qual, ao vêr pingante bofe,
Mia o gato por chacina);

Avido, a obra folhea;
Abre, fecha, o preço pede,
Ao vendilhão, que é matreiro,
E os movimentos lhe mede;

E, qual sordido agiota,
Que accrescenta o cambio vil,
Vendo traços d'indigencia,
No que entrára em seu covil:

Assim, logo, o preço dobra
Ao volume apetecido;
Faz-se grave, o livro gaba,
Que só vende, bem vendido.

Dando a veia alfarrabista,
Do maniaco freguez;
Ser, por nescio ferro-velho,
Burlado, mais uma vez.

Assim, passa noite e dia,
A pensar em calhamaços;
Já citando-os, já comprando-os,
Conduzindo-os, sob os braços:

Sempre, de lombada acima,
Que tambem nisto ha preceito;
Quer a nodoas, ou desastre,
Indo assim, menos sujeito.

O julgar, *secundum artem*,
Quanto val um alfarrabio,
É saber, que põe á banda,
A invenção do astrolabio.

Tem seus pontos duvidosos,
Ha regras sem excepção:
Algum scisma entre os fieis,
Um fanatico, outro não...

Mas o seguidor castiço,
Esse jura em livro velho,
Como judeu no talmud,
Ou christão em evangelho.

Irá longe, ao sol, á chuva,
Só por vêl-o, por abril-o;
Soffrerá duro martyrio,
Por chegar a possuil-o.

Qual, ciosa, em furia ardendo
Louca amante, desgrenhada,
Persegue rival ditosa,
De punhal, a mão armada.

Prompto golpe desferindo,
Sobre o peito alabastrino;
Onde, occulto jaz roubado,
Seu amor, e seu destino:

Assim, elle ao que possue
Raro, antigo calhamaço;
Pede, tenta, illude, rouba,
Da-lhe cabo do espinhaço!

Qual politico da moda,
Que, sómente, por dever,
(A parte, virtude ou crime),
Tem: — subir, nunca descer.

— Eis, um rapido esboceto
Desse *philo-calhamaço*
Onde, exacta similhança,
Julgo dar-se, em mais d'um traço.

Ha toques *d'aprés nature*,
No typo do Alfarrabista,
Que não mentem: — Direi desses,
Retratou-se o retratista.

Agosto de 1852.

J. DA C. CASCAES.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Caminho de ferro de Lisboa a Hispanha. — Com a maior satisfacção damos a importante noticia de que a proposta de M. Hardy Hislop em resultado do acto solemne da sua abertura juntamente com outras — foi approvada pelo governo.

Curso de leitura repentina. — Em consequencia da indispensavel necessidade de se evitar nos serões d'este curso a confusão e sussurro, a que necessariamente resultam da excessiva concurrencia de visitadores, assim como a estes e mormente ás damas o incomodo que teem soffrido com o apinhamento da turba, declara-se positivamente:

1.° Que nenhuma pessoa de um ou de outro sexo será admittida sem bilhete previamente obtido.

2.° Que os bilhetes só serão dados a pessoas perfeitamente conhecidas do sr. Castilho ou ás que por estas lhe forem recomendadas.

3.° Que um bilhete não serve para mais de uma vez, pelo que logo á entrada da porta deverão ser restituidos ao recebedor.

N. B. Todas estas disposições serão impreterivelmente observadas.

Novidades da estação. — Os calores actuaes (diz um jornal de Paris) não dão motivo algum de inquietação; em varias epochas houve-os maiores, sem causarem damno á especie humana. Em 1793 subiu em Paris o thermometro até 39 graus; em 1808 e em 1825 chegou a 36 graus e nove decimos.

« Actualmente o sol acha-se no signo de Cancer: está, em relação ao centro da Europa, aproximadamente no seu maximo de obliquidade, e por consequencia os seus raios produzem o maior grau de calor a que deverão chegar neste anno. É verdade que o calor augmenta pela posição dos ventos, os quaes collocados na região de Leste impedem a formação das nuvens e da chuva, e causam uma sêcca extraordinaria.

« No dia 22 de julho sahiu o sol de Cancer para entrar no signo de Leo, e segundo todas as leis atmosphericas deverá diminuir a intensidade do calor, ou pelo menos não deverá augmentar, porque os raios do sol terão chegado ao seu maior grau de obliquidade, e o vento ao seu maximo de secura, não podendo ultrapassar um e outro os seus limites. »

De Gerona (Catalunha) escrevem em data de 25 de julho: — « Por algumas partes entrou nas vinhas o mal que as destroe em França e tambem na provincia de Malaga. Começa manifestando-se nas parras uma cousa similhante a polvilhos brancos que se reproduz assombrosamente; ao cabo de dois dias acommette as uvas, e logo as folhas restantes e as cepas que sécca e mata.

« Continúa a temperatura a 26 e 27 graus de Réaumur. N'alguns povos destes arredores descarregou uma forte chuva de pedra que nada abrandou o calor; por aqui ameaça tambem trovoada ao cahir da tarde. »

No dia 27 de julho á tarde, no termo de Murviedro descarregou uma chuva de granizo, que fez grandissimos estragos, perdendo-se totalmente a colheita do moscatel e outros vinhos, e ficando os olivaes mui prejudicados.

Os jornaes de Madrid do dia 3 de agosto dizem: — « O temporal que temos experimentado em Madrid foi maior nas povoações immediatas á serra, pois, segundo escrevem da Granja, antes de hontem estalou uma rija trovoada naquelle real sitio, cabindo algumas centelhas electricas que felizmente não causaram damno.

ASYLO DE MENDICIDADE.

Tendo-se desencaminhado algumas cartas, em que tive a honra de convidar muitas pessoas desta capital a concorrerem com alguns donativos para a rifa que se ha de fazer no passeio publico, nas noites de illuminação, em beneficio do asylo de mendicidade, e tendo-se além disso espalhado a noticia de que este anno não teria logar a projectada illuminação, cumpre-me declarar ao publico que estão aplanadas as difficuldades que poderiam impedir a realisação daquella brilhante festa de caridade, a qual terá effectivamente logar dentro em pouco tempo, e igualmente me cumpre dirigir o mesmo convite ás pessoas generosas que ainda o não tenham recebido, a fim de que se dignem concorrer com o seu valioso auxilio para a sobredita rifa.

Os donativos recebem-se até o dia 12 do corrente mez de agosto, na rua de S. José n.° 199, onde se passará o competente recibo ao portador.

Será publicada uma relação de todos os objectos de que constar a rifa, com os nomes das pessoas que os tiverem offerecido, salvo qualquer reclamação em contrario.

A reconhecida caridade e dedicação pela pobreza que tanto distinguem os habitantes desta capital, me asseguram desde já que não será debalde que eu invoco o seu generoso auxilio, afim de que a grande illuminação do passeio corresponda plenamente ao justo fim a que é destinada.

Lisboa 3 de agosto de 1852.

O provedor do asylo
JOSÉ ISIDORO GUEDES.